

## A MORTE EM ELOY E EM CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

Nair Nodoca Takeuchi  
Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

A narração das duas obras começa algumas horas antes da morte de suas personagens. Alguns aspectos do léxico relacionados com a morte fazem refletir, nas palavras, as relações entre os antagonistas, suas profissões, seu íntimo.

O verbo *matar* e seus equivalentes foram mais abundantes em *Eloy* (127 vezes) do que em *Crônica de uma Morte Anunciada* (87 vezes), e as palavras que denotam medo, desconfiança, raiva por um lado, e valentia, ternura, compaixão por outra, estão presentes em *Eloy*, enquanto que estão totalmente ausentes em *Crônica*. A arma utilizada nesta, é a faca, citada 35 vezes e que é o instrumento de trabalho dos assassinos. O bandido *Eloy* e os policiais, seus perseguidores, usam revólveres, carabinas, facas e navalha. Enquanto a morte de *Santiago* é descrita em não mais que nas seis últimas páginas, a de *Eloy* foi sendo tecida ao longo do texto a partir de sutis indícios linguísticos.

Duas obras, dois autores, duas mortes.

García Márquez em *Crônica de uma morte anunciada*<sup>1</sup> retorna o tema da honra para narrar a morte de *Santiago Nasar*, levada a cabo pelos irmãos da noiva ultrajada. Sua morte é anunciada no título e nas primeiras linhas da narrativa.

Carlos Droguett, em *Eloy*<sup>2</sup> narra as últimas horas vividas por *Eloy*, bandoleiro perseguido e caçado por policiais. Sua morte é informada pelo extrato de uma nota oficial e pela expressão latina que antecedem o texto.

1 GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *Crônica de uma morte anunciada*. Rio de Janeiro, Record. 1981. 177p.

2 DROGUETT, Carlos. *Eloy*. Rio de Janeiro, Codecri, 1981. 107p.

As duas obras começam a narração algumas horas antes da morte de suas personagens. Vamos observar alguns aspectos do léxico relacionado com a morte e verificar como os dois autores fazem refletir nas palavras, as relações entre os antagonistas, suas profissões, seu íntimo.

O levantamento do verbo matar e seus equivalentes revelaram que estes são mais abundantes em *Eloy* do que em *Crônica* (127 e 87, respectivamente).<sup>3</sup> Ao contrário, morrer e seus equivalentes foram encontrados 23 vezes em *Crônica* e 12 em *Eloy*.

Em *Eloy* não há distinção de uso entre matar um ser da categoria (+) humano ("é bonito saber, *Eloy*, que você matou alguém e não sabia como era seu nome", p. 30) e (—) humano ("nem sequer tenho cachorros, matei-os ou mataram-nos", p. 89). Em *Crônica*, os verbos sacrificar e degolar foram utilizados apenas para se referir a animais. Mas, por outro lado, verbos que normalmente são usados para a categoria (—) humano foram utilizados para se referir à morte de Santiago Nasar, como despedaçar, retalhar, arrancar as tripas ("foi retalhado como um porco", p. 10).

Nessa expressão, a primeira alusão à profissão dos irmãos Vicário. Mas só à página 60 e 61 eles são apresentados como magarefes: "No fundo do quintal, os gêmeos tinham um chiqueiro, a pedra de sacrifícios e a mesa de corte, uma boa fonte de renda" (...). As armas do crime, citadas 35 vezes, foram facas — "Uma de retalhar (...) A outra era mais curta, mas larga e curva (...) Foi com estas facas que cometeram o crime, ambas rudimentares e muito usadas" (p. 88). Muito usadas por matar e retalhar os porcos criados no chiqueiro. Eles não matavam seres humanos. "Pela prática de sacrificar porcos, Pedro Vicário procurou o coração, mas procurou-o na axila, onde o têm os porcos" (p. 174).

Santiago Nasar tampouco é assassino. Ele era apenas "um homem acostumado a matar animais indefesos" (p. 19), que chega a indignar-se com a cozinheira que joga aos cães as vísceras palpitantes de um coelho: "Não seja bárbara — disse-lhe. — Imagine se fosse um ser humano". (p. 19).

Os sentimentos de Santiago Nasar podem se resumir nessa sua intervenção. Nenhum ódio, mas também nenhum amor, salvo uma passagem que o narrador conta rapidamente de sua paixão adolescente pela prostituta do povoado. Nenhuma emoção, nenhuma sensação, nenhum desejo, nenhum sonho para o futuro. Mesmo sua morte não foi fruto de ódio. Os eufemismos utilizados pelo narrador parecem querer esconder, ou amenizar o ato. Matar foi substituído

<sup>3</sup> Embora com 107 páginas, um exame tipográfico mostrou que *Eloy* é 1/3 mais extenso que *Crônica de uma morte anunciada*, com 177 páginas. (Colaboração de Ivonete Cecon, da Editora Lítero-Técnica).

várias vezes por “consumar o crime, cumprir a sentença, cumprir sua lei, vingar a morte, a honra os espera, decisão final”, e a morte, por “exterminio, desgraça, tragédia, drama e crime”, este repetido 10 vezes em lugar de assassinato. O dia do assassinato é “o dia do crime, o dia irreparável, dia infeliz, segunda-feira infeliz, segunda-feira de sua desgraça, segunda-feira absurda”.

A morte de Santiago Nasar foi anunciada exaustivamente, tanto pelo narrador (“nunca houve morte tão anunciada” p. 76), como pelos seus executores, os quais não a desejavam verdadeiramente: “a realidade parecia indicar que os irmãos Vicário não fizeram nada do que convinha para matar Santiago Nasar de imediato e sem espetáculo público, antes fizeram muito mais do que se poderia imaginar para que alguém os impedisse de matá-lo” (p. 75). Mas ninguém os impediou. Todos foram cúmplices. O narrador, desde as primeiras palavras do texto: “No dia em que o matariam” (p. 9) e nas 38 ocasiões que anunciou a morte de Santiago Nasar, antes que ela se consumasse. A cumplicidade da população é indicada por uma série de coincidências, de desencontros, de omissões. Embora os assassinos tenham anunciado diretamente a cinco pessoas suas intenções, e ainda “tenham contado seus propósitos a mais de doze pessoas que foram comprar leite, e estas os divulgaram por toda parte antes das seis” (p. 86), ninguém impediu o crime. Não acreditavam que fosse ocorrer:

“ — Pensamos que era só papo de bêbado.” (p. 78)  
 “ — Não seja boba — disse-lhe — esses dois não matam ninguém, e ainda menos um rico.” (p. 83)  
 “ ...ele não estava em condições de matar ninguém” (p. 91)

Até a autoridade, ao ser avisada das intenções dos dois irmãos, apenas lhes tirou as armas e os mandou dormir, e a quem o viu, declarou: “Não têm com que matar ninguém” (p. 85). Ao ser novamente avisado, “Prometeu ocupar-se disso imediatamente; entrou porém, no Clube Social para confirmar uma rodada de dominó naquela noite; quando voltou a sair já estava consumado o crime”. (p. 162)

E o crime foi consumado. O autor descreveu-o em não mais que nas seis derradeiras páginas. Uma descrição detalhada dos golpes dados pelos assassinos e dos gestos de defesa de Santiago Nasar. Nenhuma emoção, nenhum medo, apenas surpresa de um lado. Do outro, nenhuma raiva, nenhum ódio. Gestos vigorosos, mas mecânicos de matar.

Bem diversa é a situação dos antagonistas de Eloy. O sentimento de medo perante a morte e o perigo está presente

em ambos os lados. O levantamento do léxico nos revelou um Eloy “um pouco assustado, quase com medo, cheio de receios, desconfiado, com desconfiança, com medo, pânico e terror que o medo o tapasse, aterrorizado, respirava com aflição”. Mas há em Eloy “o medo robusto, valente, confiante, não tinha medo, sentia-se capaz de estar a noite inteira atirando”. Essa valentia não encontramos no lado dos policiais, seus perseguidores, mas “o medo estampado nos olhos, eles terão mais medo, tanto terror lhes tem dado (aos policiais), as luzes iluminam seu terror, deixam escapar seus nervos e seu verdadeiro medo, querendo ignorar o medo”.

Em Crônica, o único assassinato é o de Santiago Nasar. Em Eloy há muitos (“matei a muitos e a muitos matarei ainda” p. 51). Eloy é o bandoleiro, o perseguido, o cercado, o caçado. Os policiais, seus caçadores, seus perseguidores. Mas são igualmente assassinos, colegas, digamos, da profissão de matar: “... tenho quatro filhos e dezoito anos de serviço na polícia e quatro no exército (...) somos parecidos, você ainda não tosse, não precisa tossir, meu amigo, meu irmão, companheiro, está em nossa lista, aqui a tenho, temos muitos papéis, listas de vivos, de mortos, listas de vivos que é preciso matar” (p. 97).

São iguais. O ato de matar não é privilégio de nenhuma das partes. O levantamento dos verbos matar e seus equivalentes atribuídos a Eloy foram “matar, atirar, disparar, enviar balas, cravar a faca, caçar policiais, consumir balas neles, apagar gritos, esganar”. Atribuídos aos policiais lemos “matar, atirar, disparar, cercar, caçar o Eloy, enviar balas, descarregar balas”. A única diferença entre eles é que os policiais têm listas das pessoas que devem matar (p. 97). Eloy precisa recorrer às mulheres que possui para “pedir-lhes rastros, sinais, cicatrizes, endereços, nomes de pessoas” (p. 93).

As armas também são comuns. Ao relacioná-las com Eloy, o levantamento revelou 22 ocorrências da palavra revólver, 57 de carabina, 11 de faca, 1 de punhal, 1 de pistola e 55 vezes a palavra bala(s). Dos policiais e outros antagonistas de Eloy encontramos 8 referências a carabinas, 1 a espingarda, 9 a navalha, 1 a faca e 28 a bala. Mas os policiais foram beneficiados com dois elementos que funcionaram como armas psicológicas para debilitar a defesa de Eloy: o choro de uma criança e a tosse de um policial tísico:

“Como acreditou ouvir um leve, um apagado choro de criança, sobressaltou-se...” (p. 79)

“Efetivamente uma criança chorava nas redondezas”. (p. 80)

“... pensou agarrado na árvore, escutando chorar sempre a criança ...” (p. 84)

“... de noite ele tosse com tanta força que lança no chão a roupa de cama e então porque, seu Raimundo, seu Eugênio, seu Ismael, não o manda também caçar o Eloy? Talvez até o desarme e aterrorize com a tosse ...” (p. 97).

Eloy, o bandido, o assaltante, que mete medo aos soldados, às mulheres, aos homens, tem seu lado humano. Se comove com o choro da criança, tem pena do velho soldado tísico. Por isso ele é mais vulnerável a essas armas do que às carabinas e balas: “Primeiro fizeram a criança chorar, agora trazem o tísico, balbuciou com fúria” (p. 99). É essa faceta humana que o torna simpático ao leitor. Eloy é um elemento dual — essa dualidade já estudada por Díaz-Moreno<sup>4</sup>: “... minha cara, cheia de cicatrizes por um lado, o lado que sempre resistiu à violência, aos gritos, aos disparos, ao sangue e às lágrimas” (p. 27). Nessa resistência à violência encontramos o defensor dos oprimidos. Matou os opressores da indefesa e bêbada Rosa, quando a conheceu. Resiste à violência pela violência. Mas se tem um lado do rosto cheio de cicatrizes, o não dito faz o leitor imaginar o lado limpo, o lado da ternura, do amor.

O anti-herói de Drogueut é mostrado com traços de残酷 e ternura, de arrogância e humildade, de ódio e simpatia, de valentia e medo. Os policiais, com traços de arrogância, de ferocidade, covardia, maldade, traição, dominação, opressão, mas que no íntimo estão apavorados de medo. Mas eles são numerosos (“vinte ou trinta”, p. 79; “duas, três dúzias”, p. 51) e Eloy é um só.

Se a morte de Santiago Nasar em *Crônica* não era desejada por ninguém, Eloy estava na lista de pessoas que os policiais precisavam matar “nas suas tarefas diárias” (p. 97). Porém em momento nenhum Drogueut declarou que Eloy morreu. O leitor, no entanto vai tecendo sua morte a partir dos indícios lingüísticos apresentados ao longo da narração. O primeiro ferimento de Eloy é apresentado à página 35, o segundo à página 58, o terceiro à página 100 e o quarto, à página 104:

“uma bala mordeu-lhe a orelha” (p. 35)

“tirei o sapato cheio de sangue” (p. 58)

“sentiu dor de cabeça e um fio de sangue se lhe escorria pelo cabelo” (p. 100)

<sup>4</sup> DIAZ-MORENO, Ana María. *Un estudio de Eloy, de Carlos Drogueut*. Poitiers, 1980. 103p. Tesis. Maestría, Université de Poitiers.

"Levantou a mão para pegar a carabina e lhe doeu o braço, o tinha pegado no corpo e compreendia que era sangue, o mesmo sangue da cara" (p. 104)

O leitor sabe, tão bem como o autor, interpretar os recursos lingüísticos que a obra apresenta. A construção, a elaboração da morte em Eloy é tão perfeita, que ao ler "colou mais o rosto na terra e se perdeu" (p. 107), expande o significado de "se perdeu" para "morreu", numa belíssima imagem da morte. Além dessa imagem temos "Agora se moveram as botas". Na obra, as botas sempre estiveram relacionadas à figura do policial. Já à página 10 vemos a primeira e significativa relação:

"...já o encontramos, já o temos amarrado, sim, claro que sim, meu general, e soavam as botas entre cada sílaba, soavam apertando-se cada vez mais entre os seus pulmões, entre seus dentes, soavam entre cada letra, apertando-se sobre seus miolos, como não, meu general, está aqui mesmo, no chão, estirando os pés, podemos tocá-lo, poderia vê-lo, meu general, no chão, como um pacote de roupa perto do cesto e da escarradeira e entre bota e bota e brilho e bater de botas..." (p. 10)

Esta passagem torna-se mais relevante se analisarmos a partir do original. Considerando que a língua espanhola é do tipo syllable-timing, isto é, língua cuja duração das silabas é igual, seja átona ou tônica, e cujo ritmo costuma-se comparar com o ruído repetitivo e monótono da metralhadora, a relação **bota x policiais** torna-se inevitável. Independente deste conhecimento lingüístico e desta analogia, o próprio texto faz o leitor relacionar as botas com os soldados: "vendo que as botas dos soldados brilhavam encharcadas" (p. 52), "via as botas brilharem" (p. 71), "botas sujas de barro" (p. 98), "agora tinha mais botas perto dele" (p. 107). Com as palavras finais "Agora se moveram as botas", o leitor entende que os policiais cumpriram a ordem do dia: mataram mais um que constava da lista dos que deviam morrer. Mataram Eloy.

A morte da personagem é entendida, não declarada. Do mesmo modo como García Márquez, Drogueut terminou a obra no momento da morte de sua personagem. A frase final em **Crônica de uma morte anunciada** foi:

"Depois entrou em sua casa pela porta dos fundos, que estava aberta desde as seis horas, e desabou de bruços na cozinha." p. 177).

As palavras finais em Eloy foram:

“O perfume das violetas se lhe amontoou nas narinas e aí soava com doçura a voz do doente, que estava a seu lado. Afastava as flores para olhar para ele e tossia baixinho para seu rosto. Aqui estou, Eloy, aqui, aqui. Está aqui, pensou suavemente e colou mais o rosto na terra e se perdeu. Agora se moveram as botas.” (p. 107)

Vê-se que a morte das personagens não foi declarada textualmente. Mas o desabar de bruços na cozinha de Santiago Nasar foi antecedido de um capítulo no qual se descreve sua autópsia. Drogueyt deixa para o leitor, se o quiser, declarar a morte de Eloy. Por isso suas palavras finais são mais fortes, sua imagem da morte mais vigorosa.

#### RESUMEN

La narración de las dos obras empiezan algunas horas antes de la muerte de sus personajes. Algunos aspectos del léxico relacionados con la muerte hacen refletir, en las palabras, las relaciones entre los antagonistas, sus profesiones, su íntimo.

El verbo *matar* y sus equivalentes fueron más abundantes en *Eloy* (127 veces) que en *Crônica de uma Morte Anunciada* (87 veces), y las palabras que denotan miedo, desconfianza, odio por una parte, y valentía, ternura, compasión por otra, están presentes en *Eloy*, pero totalmente ausentes en *Crônica*. El arma utilizada en esta, es el cuchillo, citada 35 veces, y que es el instrumento de labor de los asesinos. El bandido *Eloy* y los policías, sus perseguidores, usan revólveres, carabinas, cuchillo y navaja. Mientras la muerte de Santiago es descrita a penas en las seis últimas páginas, la de *Eloy* fue tejida a lo largo del texto a partir de sutiles indicios lingüísticos.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 DIAZ-MORENO, A.M. *Un estudio de Eloy*, de Carlos Drogueyt. Poitiers, 1980. 103 p. Tesis, Maestria, Université de Poitiers.
- 2 DROGUETT, C. *Eloy*. Rio de Janeiro, Codecri, 1981. 107 p.
- 3 GARCIA MARQUEZ, G. *Crônica de uma morte anunciada*. Rio de Janeiro, Record, 1981. 177 p.